

Buenos-aires, 25 de janeiro de 1933

Ilmo Sr. Dr. Fausto de Freitas e Castro, dd. diretor do "Diario de Noticias"

Porto-Alegre

Prezado confrade

A gentileza de um amigo proporcionou-me a leitura de uma entrevista, que o sr. dr. Eurico de Oliveira Santos, recentemente egresso do Partido Libertador, concedeu ao representante de uma folha dessa capital. Nada teria eu que opor a aquela literatura de cristão-novo, na qual se repetem conhecidas e desmoralizadas infâmias, se a meu respeito não se fizesse uma afirmação inverídica e caluniosa. Teria eu confidenciado ao novo sustentaculo da ditadura estar "cançado e enojado". E a minha fisionomia - acrescenta êle, como a não deixar dúvidas acerca da significação destas palavras - refletia de fato grande desânimo.

É absolutamente falso tenha eu dito ao dr. Eurico Santos, ou a qualquer outra pessoa, que estivesse cançado. Cançado do que haveria eu de estar agora, se outra coisa não tenho feito durante a minha vida, se não lutar? E como haveria eu de estar cançado agora, se a época em que mais a contra-gosto me movi foi a da forçada cumplicidade com o poder, durante a fase bonançosa da "Frente-Única", embora tal cumplicidade fôsse determinada por motivos de ordem superior? Homens, que unicamente numaforte e bem nutrida consciencia buscam a inspiração de seus atos, não cançam e, quanto mais lhes deprime a paisagem ao redor, mais fortes se sentem no seu esplendido isolamento. Não disse eu, pois, nem poderia ter dito que estivesse cançado. Comigo teem estado em Rivera, dezenas e dezenas de conterraneos: nenhum deles pode ter levado de mim outra impressão, que não a da serenidade com que encaro o futuro, porque, ainda quando definitiva fôsse a catastrophe nacional em que imergimos, comigo ficaria sempre a satisfação do dever cumprido até o fim.

Enojado, sim

Enojado, sim, pode ser que me tivesse manifestado ao dr. Eurico Santos, e o estaria certamente até o engulho, se me fôra dado pressentir, naquele momento, a ação que, naturalmente, já estava resolvida no seu espirito e ele viria a formalizar de Montevideú. Nojo, sim, e profundo, incoercível. Mas, entendamo-nos: nojo pela vileza dos que concorreram para afundar o Rio Grande no chavascal. E, como nós não renunciámos, nem poderíamos renunciar á patria, este sentimento, longe de paralisar-nos, só nos poderá decidir a combater por todos os meios ao nasso alcance o foco do contágio putrefaciente.

Antes de terminar e correndo embora o risco de abusar de vossa hospitalidade, quero trazer um esclarecimento de ordem pessoal. Declarou o dr. Eurico Santos, na aludida entrevista, que eu fui aluno dele. É verdade. Foi isto no então Ginasio do Rio Grande do Sul, hoje Instituto Ginasial Julio de Castilhos, <sup>que me muito e alguns professores daquelle estabelecimento</sup> Bastar-me-á citar, entre os mortos, a Apeles Porto-Alegre. Mas a materia que o dr. Eurico Santos me lecionou e com a qual pretende evidentemente ter concarrido para a minha formação mental, foi simplesmente corografia do Brasil, que se resumia a uma arida e inexpressiva enfiada de nomes, capaz apenas de sobrecarregar a memoria dos alunos.

Agradecendo-vps, illustre e prezado confrade, a publicidade que puderdes dar a estas linhas, apresento-vos os protestos da minha grande consideração.

Seu amigo e admirador  
 Paulo Pires